

Os candidatos e a sustentabilidade

LEILA DA COSTA FERREIRA

As vésperas das eleições presidenciais, é notória a lacuna nos programas de governo dos candidatos em relação à sustentabilidade. No entanto, especialmente no caso brasileiro, a reflexão sobre a relação entre a sustentabilidade e a política deveria permear o debate, seja na esfera federal, na estadual ou municipal. Inserido em um continente com os maiores índices de biodiversidade do planeta e, ao mesmo tempo, alguns dos maiores indicadores de desigualdade social do mundo, o Brasil é uma democracia recente e em construção. Ao demonstrar a necessidade de utilizar recursos naturais e o patrimônio sociocultural de forma planejada, e com vistas ao bem-estar das gerações atual e futuras, assim como ao equilíbrio ambiental global, a jovem democracia brasileira estaria ensinando uma boa lição a outras nações.

Infelizmente, não é o que se vê nas preocupações dos candidatos. Mas não porque a sustentabilidade não possa ser associada à política. O conceito de sustentabilidade comporta várias dimensões, tornando-se transversal e abrangendo todas as dimensões da vida humana, e não apenas as relações diretas com a natureza. A idéia de sustentabilidade pode ser fortemente associada a outras três dimensões sociais consagradas no pensamento político do século XX: democracia, equidade e eficiência.

Em uma sociedade democrática, o governo é escolhido em eleições livres e competitivas e regras escritas na forma de lei regulam efetivamente as relações sociais. Além disso, os direitos individuais têm correlatos nos deveres coletivos, e esses têm predominância sobre os individuais.

Em uma sociedade equitativa, todos os indivíduos – independente de gênero, origem social, raça, idade, credo e ideologia – têm as mesmas oportunidades para se desenvolverem. O que se herda tem importância mínima, em contraposição ao que se adquire.

Por fim, as dimensões fundamentais de uma sociedade eficiente são a avaliação custo-benefício na tomada de decisões, uma equilibrada combinação de competição e cooperação nas regras do jogo e a promoção contínua do desenvolvimento científico-tecnológico.

Uma sociedade sustentável é aque-



Leila da Costa Ferreira é professora titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) da Unicamp e presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade

la que mantém o estoque de capital natural, ou compensa uma reduzida depleção natural pelo aprimoramento do capital tecnológico, permitindo o desenvolvimento das gerações futuras e colocando o interesse coletivo acima de todos os outros. Em uma sociedade sustentável, o progresso é medido pela qualidade de vida – saúde, longevidade, maturidade psicológica, educação, ambiente limpo, espírito comunitário e lazer criativo que, espera-se, sejam acessíveis a todos – em vez do puro consumo material.

É preciso lembrar que tanto os padrões de consumo da pobreza como os da riqueza, juntos, contribuem para a deterioração da capacidade de suporte do planeta. No entanto, a força propulsora dominante do esgotamento dos recur-

sos naturais situa-se no padrão de consumo dos países altamente industrializados e detentores de alta tecnologia. Conseqüentemente, a atenção deve ser deslocada da questão tecnológica como solução da *escassez absoluta* – que se refere ao esgotamento propriamente dito do estoque de recursos – para uma abordagem política e sociológica como forma de enfrentar a *escassez relativa* – quando padrões insustentáveis de produção e consumo atuam como fatores determinantes do esgotamento.

É um erro enxergar a finitude dos recursos, e sua conseqüente escassez e esgotamento, como parte de uma relação linear de causalidade, em que a variável determinante é o *quantum* tecnológico da sociedade. O otimismo tecnológico é bastante elevado na corrente que segue o padrão da *fraca sustentabilidade* – onde a substituição absoluta do capital natural pelo capital material é feita por meio da tecnologia, que absorve a totalidade dos recursos oriundos do crescimento econômico. Em contraposição, no padrão da *forte sustentabilidade*, as duas formas de capital não são substituíveis e o crescimento econômico, portanto, depende da manutenção constante do estoque de capital natural. Ou seja, é preciso manter as bases físicas da natureza inalteradas por intermédio de instrumentos políticos.

É possível, portanto, transcender a dimensão puramente ambiental da sustentabilidade, e envolver parâmetros políticos que dizem respeito às normas e critérios sociais para apropriação do capital natural. De outro lado, a questão da sustentabilidade tem, graças a sua especificidade interdisciplinar, o mérito de apresentar ao pensamento político alguns “problemas” de ordem conceitual, no mínimo, instigantes. É preciso reconhecer as várias formas de conhecimento e as práticas que sustentam para incorporá-las em uma relação horizontal, não-relativista, argumentativa.

A sustentabilidade constitui uma posição especial para este tipo de reflexão: é uma análise que se constrói temporalmente, que recusa o império da fragmentação e dispersão, que não substitui sem mais os objetos de reflexão política consagrados, mas coloca-se em um outro campo epistemológico – o da contemporaneidade radical dos acontecimentos.

Canoa antiga vem à tona

GLÓRIA TEGA (*)

Uma canoa feita de um só tronco de árvore escavado (monóxila) foi encontrada por moradores que pescavam no rio Jaguari, entre as cidades de Vargem (SP) e Extrema (MG). O achado só foi possível devido à estiagem, que deixou o nível do rio bem mais baixo e parte da embarcação exposta. Os pescadores fizeram a canoa flutuar, fotografaram e, como nunca haviam visto uma parecida, resolveram escondê-la novamente sob a água, desconfiando de sua importância histórica. Foi o pescador Felisberto Alves de Oliveira quem comunicou o Museu Municipal de Bragança Paulista, que repassou a informação ao arqueólogo Gilson Rambelli, pesquisador do Centro de Estudos de Arqueologia Náutica e Subaquática, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam) da Unicamp.

Pesquisadores do Nepam, com apoio do Corpo de Bombeiros e guiados por Felisberto, retiraram, mediram, desenharam e fotografaram a canoa em 1º de setembro, mas não havia condições apropriadas para removê-la. “Protegemos a canoa com uma tela de náilon para assegurar a integridade do casco e procuramos um local com pouca correnteza para acomodá-la no fundo do rio,



O pescador Felisberto de Oliveira observa o trabalho dos arqueólogos Leandro Duran e Gilson Rambelli, e do sargento Cláudio Zago Júnior

obedecendo a critérios internacionais de conservação. A madeira está encharcada e, se o casco secar, pode rachar e quebrar”, explica Gilson Rambelli.

Uma nova expedição fará um estudo mais detalhado da canoa e do local onde foi encontrada, definindo-se então quem se responsabilizará por sua salvaguarda. A embarcação remete a outra encontrada em 1998, no mesmo Jaguari, mas em

Bragança Paulista, e exposta no museu da cidade. Ela foi identificada como indígena devido às técnicas de confecção e datada em 250 anos. “A canoa vai contar a história da região”, diz animado o pescador Felisberto de Oliveira.

(*) Glória Tega é jornalista do Centro de Estudos de Arqueologia Náutica e Subaquática, do Nepam/Unicamp



Cartas

Ouvidos atentos

Felizmente temos ouvidos atentos. Neste turbilhão de tecnologia e novos formatos também se cria o fantasma do *status quo* com seus malefícios para a sociedade e pessoas criativas da produção virtual. Mas ao ler a matéria da publicitária Daniela Carvalho (“Usuários mostram desinteresse pelo com ‘internético’”, edição 336), me senti aliviado por termos pesquisadores neste campo e que ainda se preocupam com a má utilização de fundamentos básicos da comunicação e dos sentidos.

Fernando Mosca,
professor de Computação Gráfica

Um sonho

Tenho 17 anos e estou concluindo o 2º grau do ensino médio. Para ser sincera nunca gostei muito de estudar. Lembro que durante as minhas aulas de matemática e física, e até mesmo de ciências no ensino fundamental parava de prestar atenção na aula para ler o livro que havia emprestado da biblioteca. Os mestres viviam reclamando por eu não ligar para as aulas deles. Depois comecei a estudar mais, pensando que talvez assim pudesse alcançar o meu sonho de um dia me tornar uma bióloga.

Logo que comecei a trabalhar, parei de ler e caí um pouco nos estudos, mas com o tempo tudo voltou ao normal. Me-

nos uma coisa que saiu dos eixos, o meu sonho de ser bióloga. Quando entrei na empresa percebi que todos que estavam nela faziam faculdade de administração. Nunca quis isso para mim, mas o meu chefe falou que se eu quisesse continuar na empresa quando completasse 18 anos, teria que começar a faculdade de administração. (...) Foi o meu professor de Geografia, que fez faculdade na Unicamp, quem me ajudou muito a tomar a decisão de não deixar o meu sonho para trás.

Bom, o que venho pedir através dessa carta é que vocês mandem para mim exemplares do **Jornal da Unicamp**. A escola recebe, mas difi-

cilmente consigo visualizá-los.

Joice Rafaela Gonzaga da Silva

Acesso ao JU

Agradeço a atenção em conceder-me novamente o acesso ao **Jornal da Unicamp**. Parabéns a instituição pelo brilhante papel através das pesquisas de extensão – afinal, universidade de qualidade e gratuita a serviço da nossa população.

Luciano Borges,
professor de Geografia

NR – O **JU on-line** pode ser recebido automaticamente cadastrando-se em www.unicamp.br



UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor José Tadeu Jorge

Vice-reitor Fernando Ferreira Costa

Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva

Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Mohamed Ezz El Din Mostafa Habib

Pró-reitor de Pesquisa Daniel Pereira

Pró-reitor de Pós-Graduação Teresa Dib Zambon Atvars

Pró-reitor de Graduação Edgar Salvadori de Decca

JORNAL DA UNICAMP

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3521-5108, 3521-5109, 3521-5111. **Fax** (0xx19) 3521-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Eustáquio Gomes. **Assessor Chefe** Clayton Levy. **Editores** Alvaro Kassab e Luiz Sugimoto. **Redatores** Carmo Gallo Netto, Isabel Gardenal, Jeverson Barbieri, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Andre Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza, Edison Lara de Almeida e Hélio Costa Júnior. **Impressão** Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3232-2210. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assinaju